

## **AS VOCAÇÕES, DOM DO AMOR DE DEUS**

### **INTRODUÇÃO**

Uma das principais tarefas da Igreja consiste no anúncio da Boa Nova a todas as nações, e esta missão tem sido e é uma grande responsabilidade, que deu origem ao compromisso de muitos que têm difundido nas várias línguas e culturas de todo o mundo a mensagem do amor de Deus. É no coração do homem que Deus depositou esta semente e somos nós os responsáveis pela sua difusão noutras áreas. Por isso, o Papa S. Gregório Magno escreveu: "No terreno do nosso coração, [Deus] plantou primeiro a raiz do amor a Ele e logo se desenvolveu, frondoso, o amor fraterno" (Moralium Libri, sive expositio in Librum B. Job, Livro VII, cap. 24, 28; PL 75, 780-D).

Esta é a mensagem única e primordial que devemos continuar a transmitir – o Amor – e este, tornado serviço, é uma tarefa que foi, é e continuará a ser uma responsabilidade da vida religiosa. É aí que se deve trabalhar com as novas gerações hospitaleiras, envolvendo-as no carisma hospitaleiro, não como trabalhadores de uma carisma, mas como gestores do amor de Deus traduzido em prática, segundo o exemplo de S. João de Deus.

### **SÍNTESE DO TEXTO**

O amor de Deus infundiu-se nos nossos corações e este dom é feito gratuitamente a todo o homem e mulher que queira e se deixe mover por Ele. Somos amados por Deus em cada fase da nossa vida (cf. 2mac 7, 28), para nos envolvermos dessa forma na comunhão da Igreja.

O Amor como fonte primordial de Deus (cf. 1jo 4, 8) é o fator que sempre moveu o ser humano e se viu plasmado na longa caminhada da salvação. Se fizemos um rápido percurso pela Sagrada Escritura, veremos que toda ela está impregnada por este Amor, pelo qual muitos ao longo da história deixaram a sua marca de santidade. Vemos tantos homens e mulheres que sentiram o desejo de tornar a sua vida um exercício de amor, revelando com os seus gestos o Deus que vive no meio de nós.

S. João de Deus descobre na sua humanidade e nas necessidades vividas pelas pessoas do seu tempo a presença de um Deus que lhe pediu para "fazer o bem, bem feito", e isso foi suficiente para que todos vissem nele a presença de Deus.

O Santo Padre Bento XVI insistiu para que toda a Igreja deixe atuar o Espírito de Deus de modo a podermos, como Igreja, incentivar, motivar, acompanhar e valorizar todos aqueles que desejam

configurar-se com Deus no anúncio do Reino, adotando um determinado estilo de vida: por isso, devemos dispor de todos os meios e pedir ao “senhor da messe” que seja Ele a dinamizar e a motivar os nossos processos vocacionais. Não nos podemos contentar apenas com destrezas, tradições sem fundamento e julgamentos a priori, sem primeiro deixar atuar o Espírito de Deus, que é o primeiro promotor da vida das nossas comunidades e vínculo de união. Devemos por isso sublinhar as palavras do Papa quando diz: "Em todos os momentos, na origem do chamamento divino está a iniciativa do amor infinito de Deus que se manifesta plenamente em Jesus Cristo", e é isto que impulsiona o ser humano a segui-lo.

Por conseguinte, como comunidade hospitaleira, devemos estar sempre gratos a Deus, pelo dom de oblação dos nossos Irmãos na sua consagração, mas não podemos limitar-nos às novas gerações, nem formar com estilos arcaicos ou questionar a novidade que elas querem dar à mensagem de Jesus hoje; temos de ser companheiros de viagem, formadores nos princípios carismáticos, mas, acima de tudo, devemos deixar agir o Espírito de Deus no chamamento que Ele realiza.

Portanto, a partir do acompanhamento vocacional, devemos formar no amor à Palavra de Deus, através de um processo de aproximação à Sagrada Escritura, à oração pessoal e comunitária constante, para conseguirmos ouvir o chamamento divino. A Eucaristia deve ser o "centro vital" de todo o caminho vocacional: é aqui que o amor de Deus nos toca no sacrifício de Cristo, expressão perfeita do amor, e é aqui que aprendemos sempre, e de novo, a viver a "grande medida" do amor de Deus. Concluindo, a Palavra, a oração e a Eucaristia são o tesouro precioso que possuímos para compreender plenamente a beleza de uma vida totalmente dedicada ao Reino de Deus e aos irmãos.

### TEXTO

## MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI PARA O XLIX DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

**29 abril de 2012 – IV Domingo de Páscoa**

**As vocações, dom do amor de Deus”** Amados irmãos e irmãs!

O XLIX Dia Mundial de Oração pelas Vocações, que será celebrado no IV domingo de Páscoa – 29 de abril de 2012 –, convida-nos a refletir sobre o tema «As vocações, dom do amor de Deus».

A fonte de todo o dom perfeito é Deus, e Deus é Amor – Deus caritas est –; «quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele». A Sagrada Escritura narra a história deste vínculo primordial de Deus com a humanidade, que antecede a própria criação. Ao escrever aos cristãos da cidade de Éfeso, São Paulo eleva um hino de gratidão e louvor ao Pai pela infinita benevolência com que predispõe, ao longo dos séculos, o cumprimento do seu desígnio universal de salvação, que é um desígnio de amor. No Filho Jesus, Ele «escolheu-nos – afirma o Apóstolo – antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis

em caridade na sua presença» . Fomos amados por Deus, ainda «antes» de começarmos a existir! Movido exclusivamente pelo seu amor incondicional, «criou-nos do nada» para nos conduzir à plena comunhão consigo.

À vista da obra realizada por Deus na sua providência, o salmista exclama maravilhado: «Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos, a Lua e as estrelas que Vós criastes, que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para com ele Vos preocupardes?» . Assim, a verdade profunda da nossa existência está contida neste mistério admirável: cada criatura, e particularmente cada pessoa humana, é fruto de um pensamento e de um ato de amor de Deus, amor imenso, fiel e eterno. É a descoberta deste facto que muda, verdadeira e profundamente, a nossa vida. Numa conhecida página das Confissões, Santo Agostinho exprime, com grande intensidade, a sua descoberta de Deus, beleza suprema e supremo amor, um Deus que sempre estivera com ele e ao qual, finalmente, abria a mente e o coração para ser transformado: «Tarde Vos amei, ó beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Vós estáveis dentro de mim, mas eu estava fora, e fora de mim Vos procurava; com o meu espírito deformado, precipitava-me sobre as coisas formosas que criastes. Estáveis comigo e eu não estava convosco. Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria, se não existisse em Vós. Chamastes-me, clamastes e rompestes a minha surdez. Brilhastes, resplandecestes e dissipastes a minha cegueira. Exalastes sobre mim o vosso perfume: aspirei-o profundamente, e agora suspiro por Vós. Saboreei-Vos e agora tenho fome e sede de Vós. Tocastes-me e agora desejo ardentemente a vossa paz». O santo de Hipona procura, através destas imagens, descrever o mistério inefável do encontro com Deus, com o seu amor que transforma a existência inteira.

Trata-se de um amor sem reservas que nos precede, sustenta e chama ao longo do caminho da vida e que tem a sua raiz na gratuidade absoluta de Deus. O meu antecessor, o Beato João Paulo II, afirmava – referindo-se ao ministério sacerdotal – que cada «gesto ministerial, enquanto leva a amar e a servir a Igreja, impele a amadurecer cada vez mais no amor e no serviço a Jesus Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, um amor que se configura sempre como resposta ao amor prévio, livre e gratuito de Deus em Cristo». De facto, cada vocação específica nasce da iniciativa de Deus, é dom do amor de Deus! É Ele que realiza o «primeiro passo», e não o faz por uma particular bondade que teria vislumbrado em nós, mas em virtude da presença do seu próprio amor «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo».

Em todo o tempo, na origem do chamamento divino está a iniciativa do amor infinito de Deus, que se manifesta plenamente em Jesus Cristo. «Com efeito – como escrevi na minha primeira Encíclica, Deus caritas est – existe uma múltipla visibilidade de Deus. Na história de amor que a Bíblia nos narra, Ele vem ao nosso encontro, procura conquistar-nos – até à Última Ceia, até ao Coração trespassado na cruz, até às aparições do Ressuscitado e às grandes obras pelas quais Ele, através da ação dos Apóstolos, guiou o caminho da Igreja nascente. Também na sucessiva história da Igreja, o Senhor não esteve ausente: incessantemente vem ao nosso encontro, através de pessoas nas quais Ele Se revela; através da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente na Eucaristia» (n.º 17).

O amor de Deus permanece para sempre; é fiel a si mesmo, à «promessa que jurou manter por mil gerações». Por isso é preciso anunciar de novo, especialmente às novas gerações, a beleza persuasiva deste amor divino, que precede e acompanha: este amor é a mola secreta, a causa que não falha, mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

Amados irmãos e irmãs, é a este amor que devemos abrir a nossa vida; cada dia, Jesus Cristo chama-nos à perfeição do amor do Pai. Na realidade, a medida alta da vida cristã consiste em amar «como» Deus; trata-se de um amor que, no dom total de si, se manifesta fiel e fecundo. À prioria do mosteiro de Segóvia, que fizera saber a São João da Cruz a pena que sentia pela dramática situação de suspensão em que ele então

se encontrava, este santo responde convidando-a a agir como Deus: «A única coisa que deve pensar é que tudo é predisposto por Deus; e onde não há amor, semeie amor e recolherá amor».

Neste terreno de um coração em oblação, na abertura ao amor de Deus e como fruto deste amor, nascem e crescem todas as vocações. E é bebendo nesta fonte durante a oração, através duma familiaridade assídua com a Palavra e os Sacramentos, nomeadamente a Eucaristia, que é possível viver o amor ao próximo, em cujo rosto se aprende a vislumbrar o de Cristo Senhor. Para exprimir a ligação indivisível entre estes «dois amores» – o amor a Deus e o amor ao próximo – que brotam da mesma fonte divina e para ela se orientam, o Papa São Gregório Magno usa o exemplo da plantinha: «No terreno do nosso coração, [Deus] plantou primeiro a raiz do amor a Ele e depois, como ramagem, desenvolveu-se o amor fraterno».

Estas duas expressões do único amor divino devem ser vividas, com particular vigor e pureza de coração, por aqueles que decidiram empreender um caminho de discernimento vocacional em ordem ao ministério sacerdotal e à vida consagrada; aquelas constituem o seu elemento qualificante. De facto, o amor a Deus, do qual os presbíteros e os religiosos se tornam imagens visíveis – embora sempre imperfeitas –, é a causa da resposta à vocação de especial consagração ao Senhor através da ordenação presbiteral ou da profissão dos conselhos evangélicos. O vigor da resposta de São Pedro ao divino Mestre – «Tu sabes que Te amo» – é o segredo duma existência doada e vivida em plenitude e, por isso, repleta de profunda alegria.

A outra expressão concreta do amor – o amor ao próximo, sobretudo às pessoas mais necessitadas e atribuladas – é o impulso decisivo que faz do sacerdote e da pessoa consagrada um gerador de comunhão entre as pessoas e um semeador de esperança. A relação dos consagrados, especialmente do sacerdote, com a comunidade cristã é vital e torna-se parte fundamental também do seu horizonte afetivo. A este propósito, o Santo Cura d’Ars gostava de repetir: «O padre não é padre para si mesmo; é-o para vós».

Venerados Irmãos no episcopado, amados presbíteros, diáconos, consagrados e consagradas, catequistas, agentes pastorais e todos vós que estais empenhados no campo da educação das novas gerações, exortovos, com viva solicitude, a uma escuta atenta de quantos, no âmbito das comunidades paroquiais, associações e movimentos, sentem manifestar-se os sinais duma vocação para o sacerdócio ou para uma especial consagração. É importante que se criem, na Igreja, as condições favoráveis para poderem desabrochar muitos «sins», respostas generosas ao amoroso chamamento de Deus.

É tarefa da pastoral vocacional oferecer os pontos de orientação para um percurso frutuoso. Elemento central há de ser o amor à Palavra de Deus, cultivando uma familiaridade crescente com a Sagrada Escritura e uma oração pessoal e comunitária devota e constante, para ser capaz de escutar o chamamento divino no meio de tantas vozes que inundam a vida diária. Mas o «centro vital» de todo o caminho vocacional seja sobretudo a Eucaristia: é aqui no sacrifício de Cristo, expressão perfeita de amor, que o amor de Deus nos toca; e é aqui que aprendemos incessantemente a viver a «medida alta» do amor de Deus. Palavra, oração e Eucaristia constituem o tesouro precioso para se compreender a beleza de uma vida totalmente gasta pelo Reino.

Desejo que as Igrejas locais, nas suas várias componentes, se tornem «lugar» de vigilante discernimento e de verificação vocacional profunda, oferecendo aos jovens e às jovens um acompanhamento espiritual sábio e vigoroso. Deste modo, a própria comunidade cristã torna-se manifestação do amor de Deus, que guarda em si mesma cada vocação. Tal dinâmica, que corresponde às exigências do mandamento novo de Jesus, pode encontrar uma expressiva e singular realização nas famílias cristãs, cujo amor é expressão do amor de Cristo, que Se entregou a Si mesmo pela sua Igreja. Nas famílias, «comunidades de vida e de amor», as novas gerações podem fazer uma experiência maravilhosa do amor de oblação. De facto, as famílias são não apenas o lugar privilegiado da formação humana e cristã, mas podem constituir também

«o primeiro e o melhor seminário da vocação à vida consagrada pelo Reino de Deus», fazendo descobrir, mesmo no âmbito da família, a beleza e a importância do sacerdócio e da vida consagrada. Que os Pastores e todos os fiéis leigos colaborem entre si para que, na Igreja, se multipliquem estas «casas e escolas de comunhão» a exemplo da Sagrada Família de Nazaré, reflexo harmonioso na terra da vida da Santíssima Trindade.

Com estes votos, concedo de todo o coração a Bênção Apostólica a vós, veneráveis Irmãos no episcopado, aos sacerdotes, aos diáconos, aos religiosos, às religiosas e a todos os fiéis leigos, especialmente aos jovens e às jovens que, de coração dócil, se põem à escuta da voz de Deus, prontos a acolhê-la com uma adesão generosa e fiel.

### PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Devemos dar aos novos Irmãos de S. João de Deus uma formação centrada no “ser” ou no “fazer”?
2. Acreditamos ainda que é Deus quem chama os jovens de hoje, com tudo o que eles são – realidade social, cultural e expressão de fé – ou isso é simplesmente uma forma de eles escaparem das realidades e responsabilidades que devem assumir?

Formamos os nossos Irmãos jovens no amor pela Palavra de Deus, na oração que brota do coração e na Eucaristia como centro e fonte de discernimento vocacional, ou encaminhamo-los apenas para realidades sem importância que podem levá-los ao desencanto em relação à sua vocação ou a ver a vida religiosa hospitaleira como um espaço de voluntariado, de vida confortável, e não de serviço e consagração?